

# A ILLUSTRACÃO

REVISTA UNIVERSAL IMPRESSA EM PARIS

## PARIS

ESCRITORIO, 6, rue Saint-Petersbourg.  
*Assinaturas*

ANNO. . . . . 24 francos  
SEMPER. . . . . 12  
AVULSO. . . . . 1  
No resto da Europa 11 francos por trimestre e 28 francos por anno.

2.º Anno. — Volume II. — Numero 11.

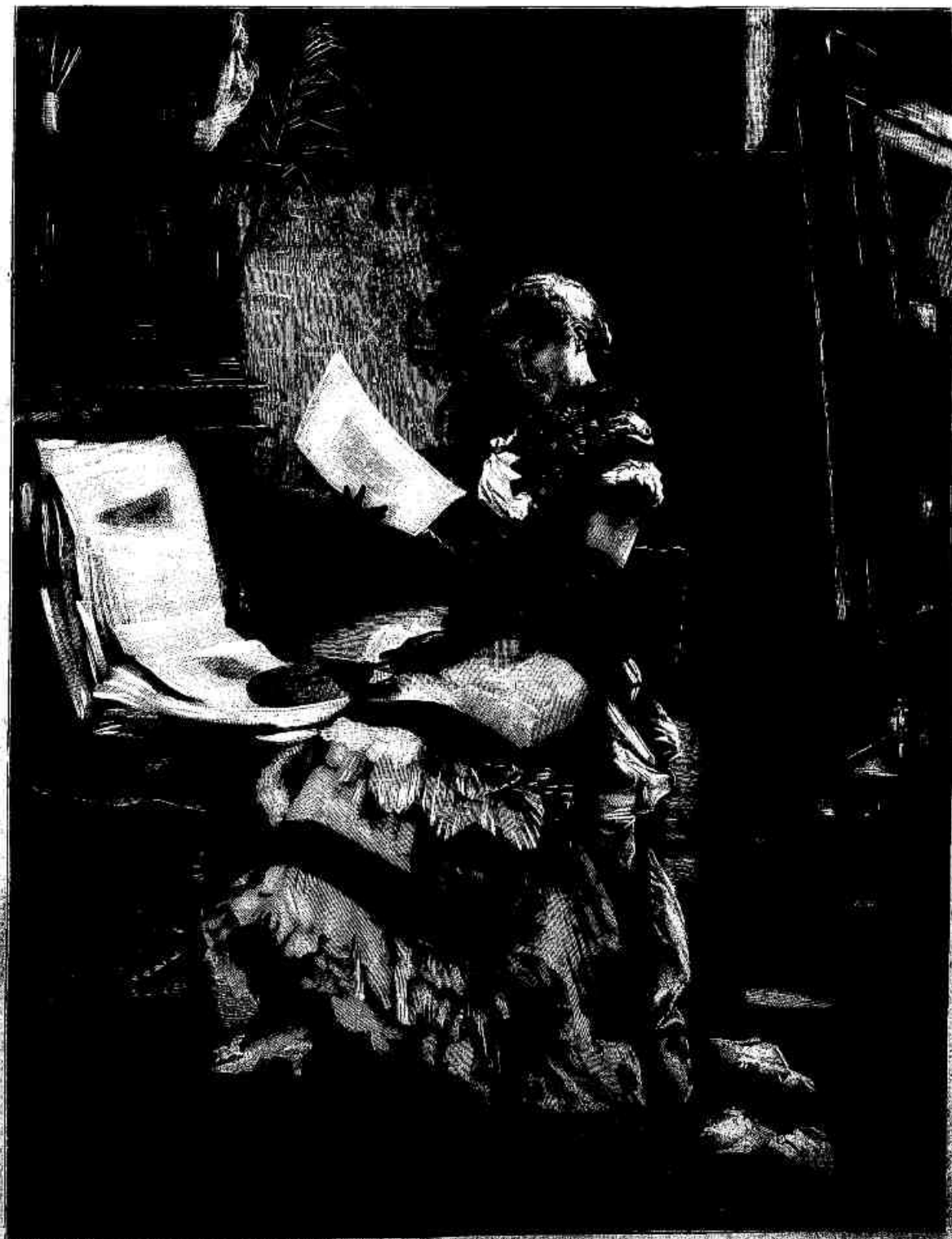
PARIS 5 DE MAIO DE 1885

Director : MARIANO PINA

## RIO DE JANEIRO

CAPELA DE NOTICIAS, 70, R. do Chiodor.  
*Assinaturas*

ANNO (Cada) . . . . . 12,000  
SEMPER. . . . . 6,000  
ANNO (Cada) . . . . . 12,000  
AVULSO. . . . . 200



EM CASA DO ARTISTA. — Quadro de Edelfelt.



## SOUZA PINTO

No próximo numero a *Illustração* publicará o quadro que o distincto artista expõe este anno no Salon de Paris. O desenho do quadro é feito pelo proprio pinto do auctor; e accompanha o desenho o retrato do brilhante artista que no Salon de 1883 mereceu pela sua esplendida tela — Culotte déchirée.



EMILIO ZOLA

20 de abril.

Hoje mais contente que um pobre diabo a quem dessem um titulo de marquês, acompanhado de vinte contos de renda. Sinto-me mais alegre que um pombo, quando em tardes quentes de julho o jardineiro das Tuberias abre os repuchos, e elle atravessa n'um vôo o grande penacho d'agua que no ar se desfaz n'uma poeira de diamante liquido. Sinto-me verdadeiramente feliz!... Acabo de experimentar um dos mais bellos momentos que raramente se encontram na vida das letras, toda feita de difficuldades, de luctas, quasi sempre cheia de desalentos, de injustiças e de invejas — apertando vigorosamente a mão do illustre romancista que o mundo inteiro admira e applaude, de que tanto mal se disse, mas que é hoje uma das glorias litterarias de França...

Ter um individuo a honra inapreciavel de se approximar d'um tal personagem, de estar com elle em sua casa, de lhe fallar, de o ouvir, de o ter ali bem perto de si, de poder olhar á vontade para aquella poderosa fronte onde haalguma coisa que nos diz haver lá dentro mundos e mais mundos de génio — não é coisa que um chronicista deva desprezar. E parece-me curioso fallar-lhes do Zola com quem eu acabo de fallar, sentados no mesmo sofá, tendo por unico testemunho da nossa conversação um mandarim de porcelana, de olhos d'amendoad, que já estava sentado sobre os calcanhures — como as costureiras — quando entrei; o que assim esteve todo o tempo, todo orgulhoso dos seus bonitos salotes d'um azul, d'um ouro e d'um purpura, ah! d'um purpura... que mais parecia pintado com a tinta ideal d'um poeta de malto.

Emilio Zola tem hoje duas casas — a sua casa de verão e a sua casa de inverno. A primeira é a alguns kilometros de Paris, sobre a linha do caminho de ferro, em Médan; a segunda é na capital, rua de Boulogne. Foi n'esta, o tempo estando ainda incerto para viver no campo, que eu hoje entrei.

A rua de Boulogne, ligando a rua de Clichy á rue Blanche, é uma d'estas ruas curiosissimas e raras como só ha em Paris, que estando no centro d'um grande movimento conservam comtudo o aspecto d'uma rua tranquillizada dos arrabaldes ou da província, onde ha jardins de relva, chéops, flores, plantas exóticas, gatos que roncavam ao sol sobre parapetões floridos, e paráns que chifravam sobre dorsos de telhados. Em vez dos grandes prédios de seis andares que podem alojar de com a duzentas pessoas,

vêm-se apenas *hôtels* particulares, aquillo a que nós damos em portuguez o bonito nome de *palacetes*, o *hotel* defendido por um pedaço de muro tendo dos lados dois portões de ferro e recuado de alguns metros, havendo no espaço que vae da rua ao *peregrin* um jardim tratado com amor, onde ha estatuas que espreitam e sorriem para quem passa, e uma ruazinha em semi-circulo ligando os dois portões para dar accesso ás *curruagens*. É n'uma casa antiga, com entrada em arco para pavilhões particulares — *chalets* que vivem constantemente entre ramos de verdura — que Zola mora, no primeiro andar, sobre a rua.

A hora de receber do romancista é das dez da manhã á uma. Depois almoço e saio ou trabalho, sendo apenas visível no dia seguinte.

O retrato que a *Illustração* publicou é apenas a mascara do sujeito que tem de estar sentado, direito, impassivel, diante da machina photographica. D'este minuto de martyrio obtém-se, como todos sabem, um retrato que sendo exactamente o individuo — nada tem do mesmo individuo! É a exactidão contrariada. O Zola verdadeiro, o Zola vivo e exacto, é o que pintou este grande artista de Manet, este a quem ha dez annos chamavam Imbecill — este a quem hoje todos chamam Mestre. Quando entro no seu vasto salão de trabalho, introduzido pela criada de bonnésinho e avental branco, o ar contente e orgulhoso de quem sabe que está ao serviço d'um grande homem — o homem que se ergue da banca onde estava escrevendo e vem para mim, a mão estendida, é exactamente o mesmo que eu tinha visto pintado na exposição Manet. Este retrato, que é celebre entre as obras do fallido pintor, vejo-o agora n'este salão, pregado em frente da meza onde Zola trabalha.

O salão é vasto; duas grandes janelas sobre a rua; ao lado d'uma das janelas, para receber toda a luz, uma largameza onde repousa uma antiga caneta de prata lavrada, e varias folhas de papel já escriptas, o trabalho d'esta manhã, e que mais cedo ou mais tarde hão de ir tambem pela sua vez comover o mundo. Este salão em que me acho é todo forrado de vermelho, d'um vermelho alegre e victorioso como um trecho da *Marselheza*. Os moveis dispostos ao acaso, este *acaso artistico* que deixa advinhar a existencia d'um possuidor de gosto. Sobre uma *étagère* a entrada, por entre preciosidades de marfim esculpido, o maroto do mandarim sempre a vigiar-me pelo canto do seu olho obliquo! Sofrões de velludo, largos, de boas costas e boas mollas, onde se está commodamente. Cortinas e biombo de seda que vos contam a traços largos historietas exquistas da China e do Japão — chimeras que passam seguindo o vôo dos colibris, ou que botam melancholicos n'um lago de *prata* sobre folhas de *nenuphar*...

Zola traz o costume ligeiro, de interior, de todos os artistas parisienses. Casaco de velludo preto abotoado por um só botão; uma camisa de baptista, sem gomma, o collarinho descaído e desafogado, os punhos sahindo esfolhados, em pregas, pelas mangas do casaco; calças largas de velludo preto; e sapatos razos, de panno. A physionomia do romancista de *Germinal* que os retratos mostram um tanto aspera, inabordable mesmo, é ao contrario, quando elle falla, d'uma expressão doce e affavel onde entra por alguma coisa a sua myopia, physionomia colorida por um vago e bom sorriso de quem não pensa um só instante no que é, no que vale, de quem mesmo se surprehe que tenha tantas sympathias anonymas espalhadas por esse mundo de Christo...

— É para mim sempre de grande prazer a

visita d'um escriptor estrangeira, porque me traz a agradável noticia de que sou lido e amado no seu paiz.

E depois fallou-me com verdadeiro enthusiasmo de Portugal, cujo movimento litterario seguindo passo a passo a moderna corrente franceza elle combatte bastante. O que o surprehe é como a Hespanha, vizinha de França como a Italia, fica em evolução litteraria atraz de Portugal. E n'este momento veio-lhe aos labios um nome... um nome que elle pronunciou com admiração e com respeito... um nome que me fez corar de prazer e de orgulho — o nome do meu querido amigo Eça de Queiroz. Zola conhece de ha muito o illustre romancista do *Crime do Padre Amaro*; não ignora a revolução litteraria, a formidavel revolução litteraria que elle operou no seu paiz, e posto que a leitura do portuguez lhe seja mais difficil que a do italiano e a do hespanhol, tem comtudo penetrado no intimo d'algumas das paginas que o romancista portuguez tem trabalhado com verdadeiro génio, e com todo o escriptulo e toda a sciencia d'um artista moderno.

O nome de Eça de Queiroz apontou-o Zola na lista dos seus collaboradores futuros. Por que Zola ambiciona uma collaboração internacional de todos os filhos de Balzac e de Flaubert. Ah! vae uma curiosa noticia que os jornaes francezes ignoram, que pagariam hoje por bom dinheiro, e que eu tenho em primeira mão de Zola, para offerecer aos meus leitores:

Zola tenciona organisar uma bibliotheca internacional, em francez. Deseja reunir em varios volumes todos os romancistas europeus, patris os tornar conhecidos de todos os paizes do mundo. N'esta bibliotheca entram apenas os *naturalistas*, como já lhes disse. Em Italia, além d'outros nomes em que me fallou, insisto especialmente no nome de Capuana. Em Inglaterra conta com o seu amigo Moore. Ha varios romancistas de immenso talento na Russia, Um ou dois na Hollanda. Em Hespanha um. E em Portugal conta com Eça de Queiroz. D'esta bibliotheca serão todos os romances originaes? ou traduzir-se-lhão apenas os que já são celebres? É o que falta resolver.

A nossa conversação girou ainda sobre outros assumptos, interrogando-me com um particular interesse sobre a *Illustração*, sobre os elementos litterarios e artisticos de que este jornal dispunha, surpreheido com a nossa litragem e com o intelligente e sympathico acolhimento do publico portuguez e brasileiro feito a um jornal exclusivamente litterario e artistico. E *parfim* abordei a questao dos direitos d'auctor. Havia lido ha poucos dias uma chronica do meu amigo Casimiro Dantas, onde este agradável escriptor fallava d'acontecimentos lisboetas, alludindo á carta que Dumas escrevera á sr.<sup>a</sup> D. Guimarães. Ao que parece em Lisboa nenhum litterato pode hoje receber uma carta amavel d'um escriptor francez, sem correr o risco de seguir para a *Limoeira* como qualquer assassino, ou de levar uma sova dos seus collegas, em plena Baixa, como o primeiro poltron. É triste!

Ora Casimiro Dantas alludia a uma carta d'um outro chronicista, o sr. Barros Lobo, escriptor em francez e dirigida por intermedio do *Correio da Noite* a Dumas filho, apontando-lhe entre outros exemplos de respeito pela propriedade litteraria — a traducção de *Germinal* compeada ao auctor por 1.500 francos. O sr. Barros Lobo que traduziu este romance, que deve perfeitamente saber as condições em que o editor o obteve do romancista, andou em erro e em erro grave, que felizmente nenhum jornal francez tratou de desmentir, o que seria para os portuguezes d'um immenso ridiculo. A traducção — sou authorisado a declará-lo em nome do sr. Zola — não foi tal paga por 1.500 francos.



Não quero entrar em detalhes mais íntimos para não ferir susceptibilidades de terceiro; nem tão pouco a minha pena se compraz em chamar para si a atenção do publico, pela intriga ou pelo escândalo. Preiro trabalhar modestamente o meu estylo, e adquirir uma sympathia com uma phrase feliz ou com uma ideia, mesmo vulgar, mas bem traduzida — do que fazer rir a galeria com uma garotice de clown. Portanto, ahí vae a historia a traços largos, sem a menor intenção malévola, apenas com o fim de corrigir um erro que anda correndo mundo.

O sr. Souza Pinto, director da *Illustração universal*, contractou com Zola a traducção do *Bonheur des Dames* pela somma de 500 francos. A traducção fez-se e a somma pagou-se. Está liquidado este negocio do editor portuguez. Mais tarde o sr. Souza Pinto, quando o *Gil-Blas* annunciou a publicação do *Germinal*, propoz a Zola a compra da traducção para portuguez — pela somma de 300 francos. Como vém, a quantia é magra; mas Zola diante d'uma carta em qua se lhe fallava das difficuldades do mercado, accitou o preço offerecido, e mandou o romance ao editor, mesmo antes de estar publicado integralmente no *Gil-Blas*. Quanto ao resto do negocio, é assumpto que só diz respeito ao editor e ao romancista.

Se trato de explicar aos meus leitores estes negocios, não é para intervir nas relações commerciaes do sr. Souza Pinto com quem nada tenho que ver — mas tão somente para mostrar ao sr. Barros Lobo o quanto é imprudente vir afirmar em publico questões d'esta ordem, mais perigosas ainda quando são escriptas em francez e quando podem ser facilmente desmentidas pelo primeiro jornal de Paris. Não são 500 nem 300 francos que alteram o orçamento de Zola. O romancista authorizou a traducção mais por uma questão de sympathia e de delicadeza, do que por interesse. Vir assustar o publico com a somma de 1.500 francos, como quem diz que elle foi pago e largamente pago, é d'uma imprudencia imperdoavel — sobretudo quando nada d'isto é exacto!

Era uma hora da tarde quando me despedi do illustre romancista, a quem hoje me liga uma grande sympathia pessoal. A saída, o mandáram sobre a *étagère* sorriso para mim, como que saudando um futuro amigo da casa. Continuava sentado sobre os calcanhares, todo orgulhoso dos seus bonitos salotes d'um azul, d'um ouro e d'um purpura, ahí d'um purpura, que mais parecia pintado com a tinta ideal d'um poente de maio.

E ao ver-me na rua senti-me contente como um rei que um povo iniciara acclama — achando mais fresco e mais leve o ar que respirava, mais lavado e mais puro o azul da immensa cupula, mais verdes e mais orvilhados os jardins, o sol mais alegre, notando até que os pardaos me saudavam como se reconhecessem em mim um homem feliz que passava...

E tinham carradas de razão — os diabos dos pardaos!

MARIANO PINA.

P. S. — Acabo de rever as provas d'esta chronica. Na parte em qua alludo ao incidente da traducção de *Germinal*, pezo escrupulosamente palavra por palavra — como um boticario em frente da sua balança, tendo na mão o terrivel remedio, o que pôde ministrar por um leve descullo a dose que mata em vez da dose que salva. E pergunto a todos que me fôem se ha alguma phrase que possa offender. Não ha. Pois fiquem certas que vou apunhar tunda e tunda valente! Mesmo que não fizesse errata ao erro do sr. Barros Lobo — um churumim apreciavel o um apreciavel jogador de bilhar, pelo que eu douplamente o estimo — bastava saber-se que eu tambem tinha recebido carta d'um auctor francez... pare a merceer! Ate aqui havia nas lettras portuguezas, por cartas recebidas de Paris — dois martyros. Agora ficam havendo tres — a ara. D. Guiomar, o Moura Cabral e eu. — Meu caro Moura, não ha remedio... Eu sei que é triste um tal desfulcho, quando se está na flor dos annos, quando o champagne ainda não axedou uma só noite no estomago, quando se é segundo official e as raparigas vas unam em segredo... Mas qua fazer: Atrai-te tu ao Tejo, que eu de cá me atiro ao Sena. Á ara. D. Guiomar offereçamos o veneno dos Borgias. É necessario morrarmos em heroes. Por que nós, francamente, nós todos tres estamos cobertos para a vida e para a morte de ridiculo e de ludibrio!

M. P.

## EMILIO ZOLA E A ILUSTRAÇÃO

O illustre romancista do *Assommoir* e do *Germinal* envia a seguinte carta ao nosso director Mariano Pina, a propósito do numero 7 da *ILUSTRAÇÃO*. Publicamol-a como verdadeira curiosidade autographica que os nossos leitores hão de apreciar bastante, e tambem porque ha n'esta carta palavras que dizem respeito a Lisboa, quando o grande escriptor se mostra sinceramente orgulhoso do successo que os seus romances obtêm na capital portugueza.

Paris 16 avril 89

Monsieur,

Excusez-moi, si j'ai tant tardé à vous remercier. Un petit voyage, beaucoup d'occupations, m'ont mis très en retard. Mais je veux que vous sachiez, comme bien j'ai été touché de trouver, dans l'*Illustration du Portugal*, ce beau portrait et la très sympathique étude qui l'accompagne. Je sais qu'on veut bien m'aimer un peu à Lisbonne, et je suis particulièrement fier de cet hommage qui m'apporte la nouvelle du grand succès de mon dernier roman parmi vous.

Merci encore, et veuillez me croire votre bien dévoué et bien reconnaissant.

Emilio Zola

O sr. Abel Acaçó, o auctor da *Lyra insubmissa*, acaba de enviar uma longa carta ao nosso director Mariano Pina, em resposta á sua chronica do numero 7 da *ILUSTRAÇÃO*. Como o nosso proximo numero é inteiramente dedicado ao *Salon de Paris*, si a poderemos publicar na numero 11 do nosso jornal. Que o sr. Abel Acaçó nos perdoe a demora involuntaria.



PORTUGAL. — VISTA DA CIDADE DO PORTO.



AS NOSSAS

## GRAVURAS

## EM CASA DO ARTISTA

Nossos queridos leitores podem calcular a tortura em que um sujeito às vezes se vê, para escrever o artigo que ha de acompanhar uma gravura. Mesmo muitos dos que nos lêem hão de achar o systema por vezes ridículo e banal. Mas nem todos pensam do mesmo modo, infelizmente! Ma leitorinho que seria capaz de tomar um bilhete de ida e volta para nos vir desancar expressamente a Paris, se a tal ou tal gravura faltasse o seemão do costume. É um velho uso, um velho habito entre jornaes illustrados, a que se não foge. E vá lá ir contra os habitos... Pois não fôr! Perguntem ao sujeito que espreita e hoscisante por um oculo, porque razão olha pelo camado com o olho direito fechando o esquerdo, e não olha com o esquerdo fechado antes o direito?... Responderá: «é o habito!» — se não preferir responder com uma boa sara em quem teve o atrevimento de lhe fazer pergunta tão inconveniente!

Por tanto mãos á obra... Tendam a bondade de se collocar em frente da gravura, e encarem-a bem, como se se tratasse d'uma vista colorida do panorama de corral. Vamos, meu senhores, toda attenção é pouca!

— Em casa do artista é um quadro... (oh! oh! = murmurios á direita e á esquerda)... um quadro devido ao magico e famoso pincel... (abalço a bandalheite!) = murmurios de todos os lados)... pincel de Edelfelt, um artista sueco, e que foi exposto no Salon de Paris, n'este templo augusto da arte, que... (O orador não pôde continuar o seu discurso, tal era a



PARIS PITTORESCO. — No dia do «Vernissage»

chuvia de batatas que sobre elle cahia.

Mas... blaguez donc, le coin, como dizem os francezes — o quadro é uma verdadeira joia; a figura da mulher elegante que percorre com a vista os desenhos e as aquarellas e trata-a com franqueza e com um gosto delicado e superior; os menores detalhes d'um atelier de pintor moderno são traduzidos com immenso espirito; de toda esta obra d'arte se exhala um perfume de talento d'arte que encanta, que seduz, e que nos obriga a soltar um bravo! bem expontante e bem entusiasta...

## VISTA DO PORTO

A nossa gravura mostra-nos um dos sitios mais formosos da grande cidade commercial, a parte sobre o Douro, onde está assente uma das mais arrapadas obras da arte contemporânea, a ponte Maria Pia, hoje celebre em toda a Europa. Esta ponte que faz parte da linha da Companhia real dos Caminhos de ferro do Norte e Leste, foi construida pela casa Eiffel e Cia de Paris, depois de um concurso a que se procedeu em 1875. As difficuldades que surgiram de todos os lados eram enormes, mas o talento dos engenheiros tudo venceu, e a ponte foi construida, comprehendendo a sua extensão metallica nada menos de 392m73. A ponte compõe-se:

- 1.º D'um grande arco metallico de 170 metros de corda e de 42m60 de flecha medio;
- 2.º D'um taboleiro central de 51m88 de comprimento, solidario com o arco;
- 3.º D'um taboleiro lateral do lado de Lisboa de 69m84 de comprimento;
- 4.º D'um taboleiro lateral do lado do Porto de 132m80 de comprimento.

Ostentellos começados em janei-



PARIS PITTORESCO. — NAS MARÇAS DO SENA. — Desenho original de F. Villaga.



rota de 1876 foram concluídos com grande successo em 31 de outubro de 1877.

A obra é em si tão arrojada, que ainda ha muita gente no Porto que não ousa atravessar a ponte em caminho de ferro, descendo em Villa Nova de Gaya e atravessando o Douro n'um bazo para entrar no Porto, e vice-versa.

Efectivamente a impressão que pela primeira vez se sente ao atravessar a ponte Maria Pia é verdadeiramente extraordinaria. Quando o comboio entra no primeiro taboleiro, e depois n'um segundo o misero mortal se vê a semelhante altura, apenas apoiado n'aquella teia d'aranha de ferro, longe das dens montanhas, apossa-se d'elle um medo inexplicavel, e o sujeitinho trata apenas de se agarrar ás brancadeiras da portinhola, de fechar os olhos e de se enterrar no seu canto, tremulo e frio. Compreendendo-se n'aquelle instante como a vida é nada, e como o mais simples acaso nos pode reduzir a marteigal.

Depois, uma segunda e uma terceira travessia limpa-nos de todo o susto, e então ao atravessar a ponte sente-se o prazer de assistir ao mais bello espectáculo da natureza.

O Porto, visto d'aquella altura, é uma das mais bellas cidades da Europa. A paisagem é soberba, com encantos de vegetação, brutalidades accidentaes de terreno e pedregais de rio como se não encontra facilmente egual. E quando se olha para baixo, para a grande cidade commercial, industrial e maritima, quando se vê aquelle mundo a furemar de todos os lados, uma ondulação constante de actividade agitando as ruas e os caes — sente-se a mesma impressão de força, de riqueza, de trabalho e de intelligencia pratica que se recebe ao atravessar a ponte do caminho de ferro que atravessa a grande e gloriosa cidade de Rotterdam.

A Illustração publicando hoje esta gravura presta uma homenagem de respeito á cidade portugueza que mais sabe trabalhar.

### NO DIA DO «VERNISSAGE»

No anno passado, n'este mesmo dia, a propósito do Vernissage, a Illustração publicava uma curiosa pagina do seu collaborador Adrien-Marie, onde se viu o aspecto d'uma das salas da exposiçáo annual de Bellas-Artes, na véspera da abertura official, no dia em que os pinakes vem envenenar os seus qualetos. Mas o vernissage deixou de ser um verdadeiro envenenamento, para se transformar n'uma festa puramente mundana.

Este anno, porém, as coisas mudaram um pouco. A direcção dos artistas resolveu que se não fizessem convites, e que as entradas fossem pagas a dez francos cada. O producto é applicado para as victimas do Toulon. Mas nem por isso a festa deixou de ser menos parisiense, como nos annos anteriores e é d'essas festas que o nosso collaborador Jeanne; recolheu este elegante estudo, a parisiense que vem ao Salon de binocto e tiracolo, e que collocada em frente das telas vai passando em revista os grandes talentos e as grandes novidades do anno. O desenho é precioso, e não precisa que o recomendem. Diz sózioho o que o assumpto é, e o assumpto — devemoz confessar-o — é de veras sympathico.

### NAS MARGENS DO SENA.

Usozho está magnifico, o sol é quente e o céu azul, e as parisienses fiam sahir os seus canots e passam os tardes navegando pelas margens floridas do Sena. Ao longe, na linha do horizonte, Paris, o grande, o immenso, o glorioso Paris, onde se destaca o Arco do Triunpho.

Esta deliciosa phantasia assignada por Francisco Villaga é um desenho que faz honra ao artista não delibido e tão moderno que nós comagms com orgulho na lista dos nossos collaboradores.

### MEZ DE MARIA. — «AS DUAS VIRGENS»

Este mez de maio é todo dedicado á Virgem; ás egrejas rivalizam em zelo e em gosto para adornar os altares onde se expõem todas as riquezas das sacristias por entre as riquezas da natureza, tão prouga em flores no mez que estamos atravessando. E sobretudo no fim de maio, tanto em Portugal, como em Hespanha, como em França, como em Italia, os palzes catholicos por excellencia, que a festa se torna mais solemne. E o triumpho de Maria que se saeda uma ultima vez com alegres canicos nos sanctuarios ombalsaminos de mil corollas e illuminados por milhares de lumes.

E é n'este momento que nós julgamos a propósito offercer aos nossos leitores, filhos de dois palzes onde o catholicismo é ainda tão santamente respeitado — o delicioso quadro das Duas Virgens de Marius-Michel, a virgem d'hoje, a encantadora filha do escultor sagrado, elegantemente vestida e elegantemente posada, dando o ultimo toque sobre a religiosa estatueta que ha pouco sahio das mãos do escultor — esta estatueta que d'aqui a pouco vai ser collocada n'um altar entre flores e lumes, e diante da qual se vão prostrar dezetas de plebeos fleis.

E como se advinha n'esta artista a delicada e gentil parisiense! O quadro foi immensamente apreciado quando exposto no Salon de Paris, porque o auctor pôde reunir n'uma só tela um assumpto mundano e um assumpto religioso; e o assumpto tratou o tão primoroso e não honestamente, que ninguém tem motivo nem para sorrir da Virgem de hontem, nem para sorrir da Virgem de hoje!

### A VOLTA DO BAILE

O olhar do marido não é como o olhar parado e enigmático da sphinge, que nada diz, que nada revela, que nada explica. Aquello negro olhar, triste e melancholico, que se fixa em nós para nos contar mudamente a historia da nevem que acaba de ennegrecer o seu coração; aquelle olhar cheio de duvida e de soffrimento que nos pergunta: «serel traidado?» — aquelle olhar encerra todo um drama conjugal.

Depois, não ha razão para duvidar do que se passou. Ella bem sabe que está culpada, e aquelle abandono do corpo, aquellas lagrimas, aquelle rosto que procura esconder-se e evitar a sua vergonha, tudo deixa advinhar que o marido a surpreendeu quando na febre e no delirio d'uma valsa ella accitou com prazer a declaração d'amor do ouzado D. Juan, o beijo dado furtivamente n'um recanto da terra por detrás d'um cacto real.

E o que se vai seguir?... Elle certamente que se não irá deitar. Sentado á banca do seu gabinete de trabalho vai escrever duas cartas a dois amigos, o amanhã ou depois, n'uma floresta, em frente d'aquelle que lhe roubou a felicidade conjugal, irá trocar duas balas. E depois? depois?... Talvez o divorcio, talvez o convento, talvez o suicidio...

Aqui o quadro, o soberbo quadro de Gervex, um dos pinakes modernos mais celebres e mais applaudidos, retoma o seu aspecto de mysteriosa sphinge e o observador fica perplexo, indolente, sem saber qual seja o terrivel desfecho do drama a que assiste! E depois? quem sabe? Talvez que nem o desfecho seja terrivel, porque ha lagrimas que tudo lavam e boijos que fazem esquecer todas as offensas, que renegam todas as leviandades, e que são a affirmacáo febril e sincera d'uma futura dedicacáo e d'um futuro amor — bem inabituavel d'esta vez.

### AS ULTIMAS MODAS DE PARIS.

A novidade que premmatemos para este numero, encontramos a nosos leitores a pagina 140 da Illustração. Dissemos que nenhum jornal illustrado em portuguez, do genero do nosso, offercia semelhante secção ás suas leitoras, e parece-nas que nos não enganamos, nem podemos ser desmentidos. A nossa secção das ultimas modas de Paris constitue portanto uma novidade no seu genero, e não só pela sua execucao artistica, mas também pela escolha do assumpto.

Não queremos com as nossas palavras do modo algum recomendar inferioridade a um magnifico jornal de modas que se publica em lingua portugueza — A Moda Illustrada — de que é proprietario o nosso estimavel correspondente em Lisboa sr. David Corazzi, jornal destinado a todos os ateliés de costura, e que é precioso em detalhes. O que desejamos fazer notar ás nosos leitoras é que as gravuras dos jornas de modas mostram apenas as novidades das grandes armazens parisienses como Louve, Bon Marché e Printemps, quasi sempre novidades para exportação; em quanto que as nosas gravuras são todas de actualidade mundana, exclusivamente parisiense, occupando-se apenas das toilette particulares que obtiverem successo ou na vitrine d'uma grande modista, ou n'um baile particular de aristocratas ou de artistas, ou sobre o palco d'um theatro. D'uma toilette riquissima que uma princeza encomenda a uma modista celebre de Paris, damos logo um desenho; d'uma toilette que mais brilhava n'um baile que os jornas apregõem, também damos o desenho; não escupando á attenção dos nosos collaboradores especimes nem as mais formosas toilette de actrices celebres, feitas para pegos que obtinham successo, nem o desenho tipo da toilette da estação parisiense.

E a moda artistica, a moda elegante por excellencia, o que a Illustração vai offercer regularmente á suas leitoras. Nos numeros seguintes comprehenderão mais largamente toda a originalidade dos desenhos que hoje inauguramos, e que lhes offercemos com verdadeiro prazer.

### A PEDRA DO MARISCO

A pedra do marisco é um dos sitios mais curiosos e mais pittorescos do Rio de Janeiro, sitio também conhecido pelo nome de Restinga da Tijoca, e se não é extremamente frequentado pelo publico fluminense, é comtudo um lugar muito apreciado e visitado por estrangeiros e especialmente por artistas. Também é um lugar predilecto de pescadores, porque n'aquellas aguas o peixe abunda em prodigiosa quantidade — posto que ás vezes a navegacáo seja perigosa pela imprevista visita d'alguns jacarés, que são alios pequenos, mas abundantes.

A Pedra do Marisco anda ligada uma curiosa historia. Fôra por ali abandonada, segundo se diz, uma peça antiga de bronze com as armas de Portugal, abandonada talvez nos tempos da guerra com os tamoios. A peça por ali esteve bastante tempo, até ao momento que do sólo começaram a romper varios cipós e a envolver-se. Com o correr dos annos os cipós foram crescendo sempre e sempre, orguendo a peça, — até que um bello dia os frequentadores da Pedra do Marisco viam a grande altura a peça outora deixada sobre o terreno.

O desenho que a nossa gravura reproduz é do nosso assíduo collaborador Francisco Villaga. É o bastante para que os nosos leitores o recebam com prazer.

### A ILUSTRAÇÃO E O FIGARO

Para que os nosos leitores avaliem do quanto o nosso jornal é apreciado pela imprensa parisiense, bastará dizer-lhes que o Figaro, o jornal mais celebre da Europa, tem por varias vezes exposto na sua Sala de despachos algumas das gravuras que a Illustração tem publicado. Actualmente os frequentadores da Sala dos despachos tem podido apreciar o desenho do nosso collaborador Francisco Villaga, representando a Bahia de Botafogo e o desenho de Ramalho sobre a Kermesse dos jornalistas de Lisboa, ambos publicados no n.º 7 do 2.º anno. A Illustração agradece reconhecidamente ao Figaro a grande honra que lhe faz distinguindo-o entre os primarios jornas illustrados da Europa, e expondo nas suas salas os desenhos dos nosos estimaveis collaboradores.

A Redacção.





## SYLLA

(Pergunta da *Historia da república romana*, vol. xv e xvi da *Bibliotheca des sciences exactes*, no prólo.)

**S**YLLA fôra em rapaz um fidalgo devasso e arruacioso, filho-família perdido como Roma principiava a produzir e cada dia produziria mais; como eram os nossos filho-segundo no século xviii, toiteiros, espadachins, ruífes que às vezes descambavam em bandidos. As aristocracias produzem esses frutos quando se encontram decadentes, abutidas pelos burguezes capitalistas: os antigos instinctos da nobreza pervertam-se. O marquês de Pombal, antes do seu governo o tornar celebre, já dava que fallar em Lisboa pela sua vida desregrada. Sylla era neto de Publio Cornelio Rufino que fôra consul em 414 e em 77 na guerra de Pyrrho. A família não dera posteriormente mais homens publicos.

Era um rapaz loiro, com a pelle singularmente branca e uns olhos azues vivissimos. Havia o que fosse repellido n'essa face deslavada que traduzia todos os sentimentos, cibrando com facilidade, injectando-se de sangue, malhada de nodos de panno ou melancolia. Passara a mocidade pelas tavernas, theatros e prostibulos de Roma; os bufões, os mimicos e os actores eram a sua sociedade favorita; e já em moço mostrava na libertinagem uma tendencia dura. Sem ser arrebatado, era friamente cruel. Homem-do-mundo, frequentava os salões elegantes, vestia-se bem, fallava a primor o grego, tinha uma cultura perfeita e era requisitado nas manieiras. As mulheres encantavam-se com a sua fama de devasso; os rapazes da moda tinham-no todos por amigo: sabia bober, sabia fazer ditos. Sem ser propriamente um bravo, não era todavia coraude. Ria de tudo, e até de si proprio. Fallava com facilidade e alegrava a conversa com pilherias e aneddotas. Compunha farças e comedias para os theatrinhos particulares dos salões elegantes onde a moda litterata, a imitação grega, reinava tanto como entre nós a franceza. Parece que cantava razoavelmente. Quinto Roscio, o Tulio d'esse tempo, era o seu melhor; o seu mais intimo amigo. Nada tinha do caracter romano, severo e serio; e do temperamento latino apenas lhe restava a inclinação para os prazeres grosseiros da rua, de noite, nas orgias pelos theatros, pelas tavernas e prostibulos. Nas salas era um grego.

Indolente e epicurista no sentido vulgar da palavra, não sentia ambições, nem illusões: deixava correr os annos divertindo-se. O mundo affigurava-se-lhe uma farça de que nem sequer se incommodava em rir, porque entrava de boa vontade n'ella como actor. Religião não tinha; mas como fosse de mau gosto ser-se ateu, affectava um respeito aristocratico pelos cultos, cumprindo ironicamente todas as regras. No fundo porém era supersticioso, como todo o homem que, sem profundar os problemas da existencia, a considera um jogo de azar; supersticioso porém de um modo intimo, quasi-inconsciente e como que envergonhado, sem aquella fé rude e popular que Mario por exemplo punha nos vaticínios da prophetisa syria, ou nos augúrios do estrusco. Essas crenças eram boas para o povo. Mas, no achar-se envolvido nas guerras e batalhas da segunda metade da sua vida, trazia sempre ao pescoço uma estatueta de ouro de Apollo, fetiche tomado no thesouro de Delphos, e beijava-o então fervorosamente com uma quasi-fé instinctiva. Quando na Grecia mandou saquear, porém, os templos sagrados, dizia a si que não tinha medo porque os deus

ses não deixariam de proteger quem trabalhava com o dinheiro d'elles. Com isto imaginava-se vagamente protegido por Aphrodite. O seu pensamento era obscuro, embora fosse culta a sua intelligencia, e por isso, apesar da sua grande capacidade, não tinha genio.

Não o tinha tambem porque a vontade, obsterada pelo scepticismo, não o impellia. Julgava-se um sor levado à toa pelo acaso: acreditava-se irresponsavel. Era um enfadado (*blase*). Nada ambicionava. O consulado não possuía encantos para elle, como para os seus collegas aristocratas; e se não tinha idéas, ambições, nem planos de reformar o mundo! Succedia tambem não ser rico, e a relativa pobreza ajudava a sua indolencia. Um dia porém a corteza Nicopolis deixou-o herdeiro dos seus bens e isto, com a fortuna da sogra, enriqueceu-o. Por desfastio pela rotina que invariavelmente chamava os nobres aos cargos publicos mais tarde ou mais cedo, viu-se eleito (em 147) questor para o exercito que Mario commandava em Africa contra Jugurtha. Tinha então trinta e um annos, pois nascera em 116.

Mario, o plebeu, que tomava as cousas a sério, recebeu mal o homem-do-mundo sceptico e amaneirado. Tratava com desdém esse rapaz que, sem o offender — pois o general só tinha em conta a bravura rude — lhe parecia desprezível por ser futil. Via-o um romano de lei em frente de um greguço, e, guardadas as proporções, presencava-se outra vez a rivalidade antiga de Catão e Scipião. Catão feito Mario, Scipião feito Sylla, mostraram bem o abatimento constitucional da republica encarnada agora em dois soldados.

Porque Sylla, picado na sua validade de homem, propoz-se a ser tambem general. Exercitava-se nas armas, aguçava a sua intelligencia perspicaz, ganhando rapidamente aquellas dotes de rapaz e loão de que o consul Carbo fallava. A astucia, o calculo, a frieza para preparar a acção, depois o danado e a bravura para a empenhar, deram logo em Africa, especialmente no episodio da captura de Jugurtha que o poz em evidencia, a medida da capacidade do novissimo cabo de guerra. Mario não desprezava já o janota hellenisado — o *franchinois*, dizia-se entre nós no século xviii — e odiava-o agora por inveja, vendo-o roubar-lhe a melhor metade da gloria da campanha jugurthina. A guerra dos cimbras acrescentou-lhe a fama; todavia os salões, as mulheres, os theatros da capital tinham para elle mais attractivos do que as guerras e acampamentos.

Em 66 foi eleito pretor e espantou Roma com as festas que deu; sobretudo a caçada de cem leões que lhe mandara o rei da Mauretania, foi celebrada com um *chie novo* na roda elegante, e acclamada entusiasticamente pela multidão ignara. Favoreceu-o a sorte dando-lhe n'esse anno a complicação da Cappadocia invadida por Mithridates. Enviado á Asia sem grande trabalho voltou coroado de louros. Era já um homem importante, e, como pertencia á aristocracia, os oligarchas contavam-no como seu, para o opporem a Mario, o idolo dos democraticos.

Em 66 veio a guerra marcia começar a segunda metade da sua vida. A força das cousas tinha-o arrastado, e a sua indolencia natural e aristocratica viu-se forçada a ceder. Sem se preocupar com o odio quasi grotesco de Mario, á frente do seu exercito ia pouco a pouco definindo a sua posição. O mundo elegante d'onde saia pedia-lhe que a remisse da tyrannia dos demagogos; a sua validade pessoal era excitada por mil agulhas; a crise romana reclamava um salvador. Que faria elle, homem sceptico e sem escrúpulos, lucido mas sem genio: que podia fazer senão lançar-se no caminho preparado por Mario quando dera um caracter novo ás instituições militares? Passou a fazer a corte ao soldado com a mesma arte de que usara com as mulheres, e conquistou as tropas como conquistara os salões. Do loão nasceu um *condottiere*, que veio sobre Roma, tomou (666) e conquistou o consulado com a mesma espada com que esterminava os democraticos. A maneira que a idade crescia (tinha então 50 annos), á medida que se achava empenhado em luctas mais graves, sem perder a ironia nem o sangue-frio, ga-

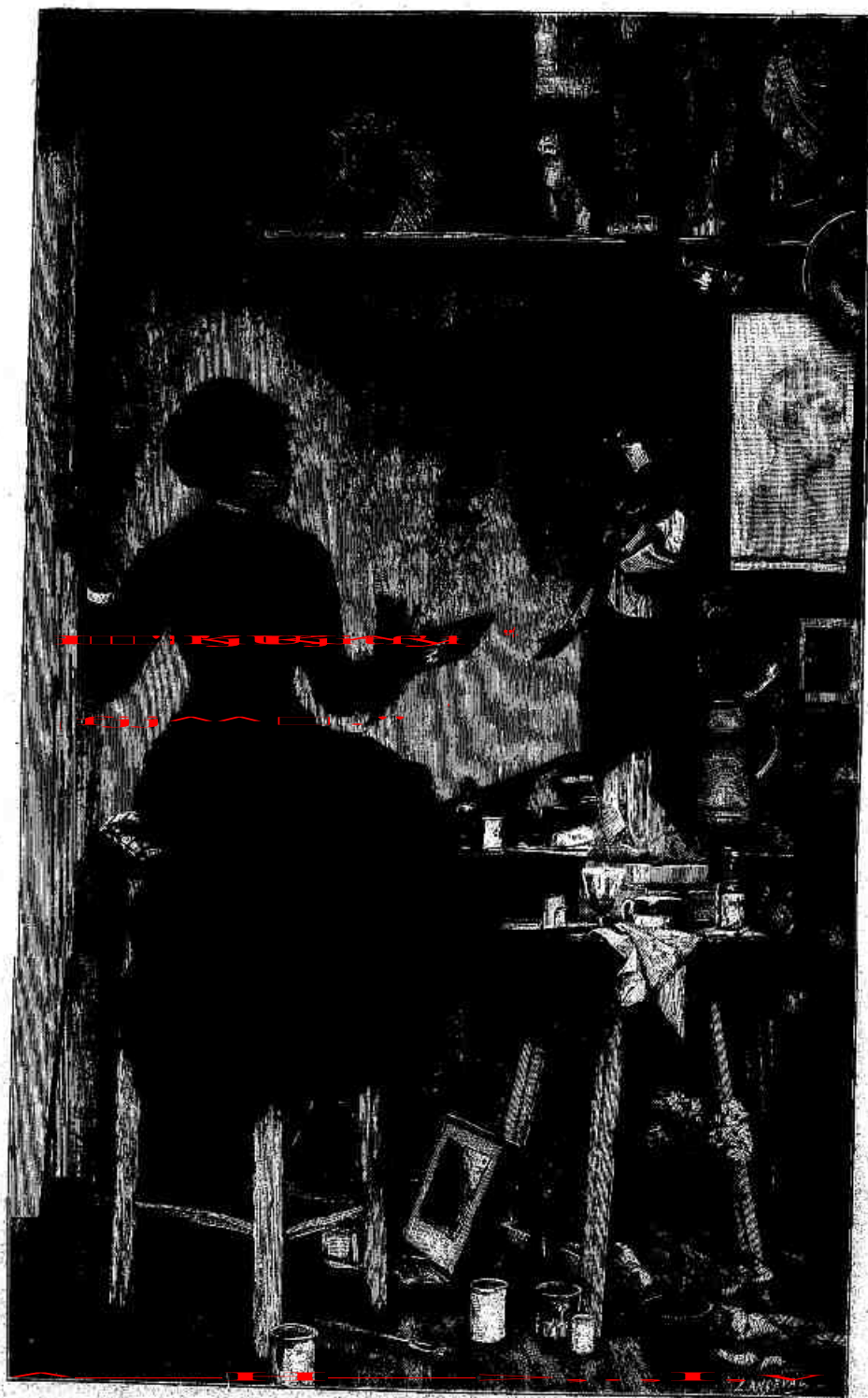
nhava uma crueldade acida que tinha de ser desprezível pela vista aliena, da sua falta de nobreza do mansuetudo e de humanidade. A sua acção foi relativamente moderada no seu primeiro governo, e, por isso mesmo, se quebrou a aristocracia que, suppondo ter ganho n'ello um instrumento, via-o levantado um verdadeiro tyranno. Os democraticos foram considerados vici.

Talvez tambem isto concorresse para o decidir a partir para a Asia contra Mithridates em 67. Narramos os episodios d'essa guerra e sabemos que as voluções se deram em Roma durante ella. Logo se conspirou para accentuar o tyranismo, despidido e satânico, do general dos seus ultimos tempos. Ficham-no bandido, tinham-lhe confiscado os seus bens; sua mulher, seus filhos, eram brucados a ti para a Grecia aculhidos debaixo da sua protecção. Deixavam-no primeiro sem males. Depois mandavam-lhe um substituto com um exercito para o combater e o perder. Assaltou-o uma furia tão grande como a de Mario quando se viu bandido em 67, mas como era frio, bem-educado e despidido d'illustres, não mostrou cohera — dissimulou, fez-se raposo, até ao momento de poder largar o salto como um tigre. As malhas da sua face pareciam agora como as do pelle d'esse animal. Chamava-se a si proprio *leão*, *leão*, *leão*, *leão* — ou o tigre, *felino*. Tudo quanto fôra dirigido ao fim terrivel da sua vingança. Nos holocaustos das batalhas encobria os mortos que perdia, para ajudar a formação da lenda. Mandava diante de si uma nuvem de terror. E comprava, seduzia o soldado por todas as formas, porque essa era a honra da sua victoria final sobre Roma.

Quando chegou, venceu, usando os machos da raposa e a força leonina; mas a primeira noite que passou de novo em Roma não pôde dormir — com motivo. N'essa noite via-se rei, elle que não tinha ambições; via sobre os hombros o peso do governo, elle que, enfadado sempre, não queria saber da arte de reger os homens, nem tinha inclinação nem genio para isso. Via porém o campo aberto a sua vingança e escogitava os ditos, as ironias e as crueldades ferinas de que ia servir-se contra os inimigos. Das cogitações d'essa noite nasceu o chacinha dos samnitas no circo Flamínio e o dito atroz no Senado no templo da Hellona. Não se esquecerá porém de trazer de Athenas devastadas as obras de Aristoteles, como presente a Roma já incapaz de as entender. E um dia que um posteiro lhe apresentou um panegyrico sordido e baixamente adulator, mandou-lhe dar uma gratificação do espelho dos vencidos, sob clausula, disse rindo, de não reindir.

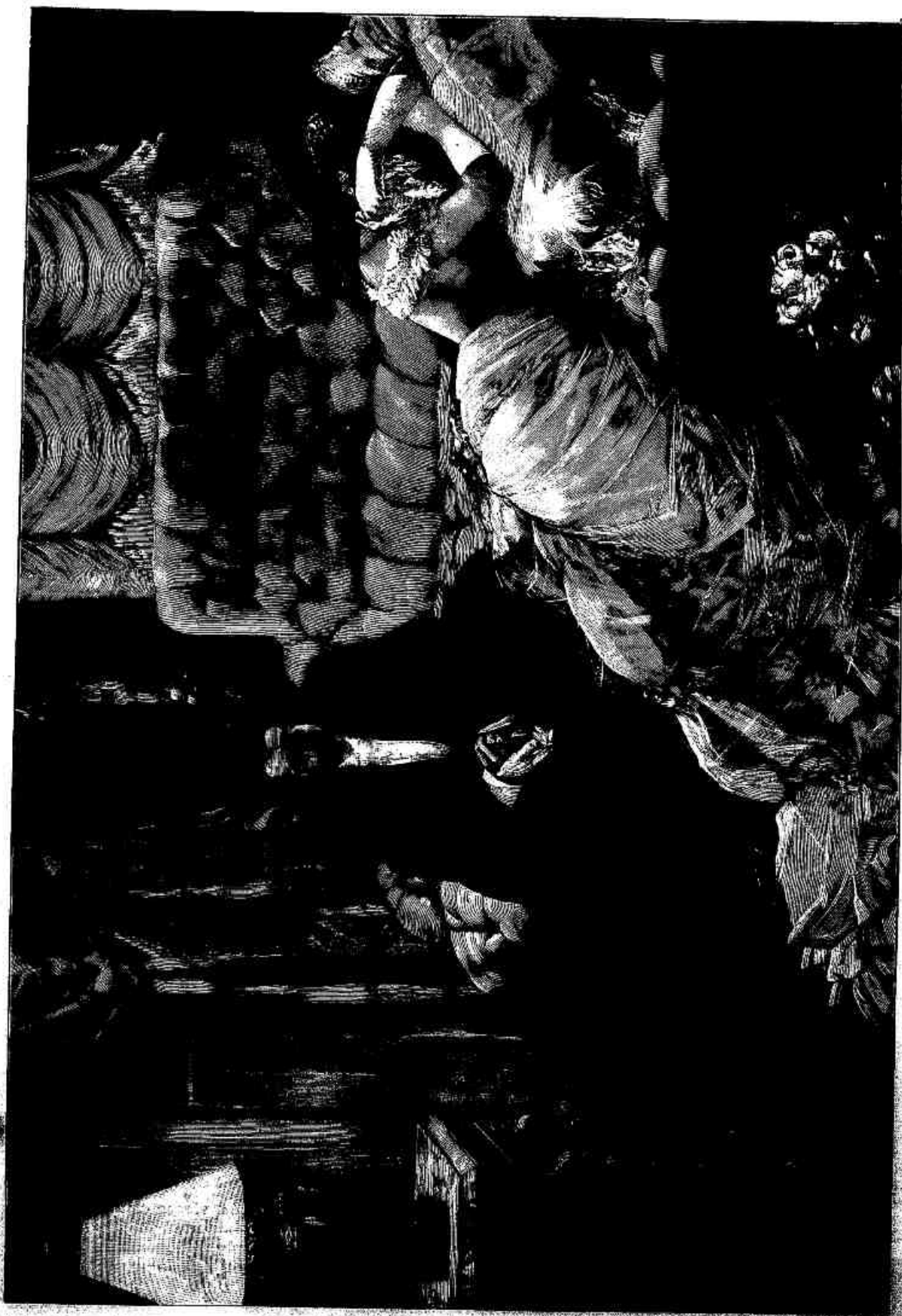
Soberano senhor da republica, pôde afirmar-se que do odio antigo lhe ficara só a ferreza; vingava-se por se viagar, por distracção, por desenfado, sem furia similhante á de Mario, com um cynismo franco, deliciando-se em offender os ingenuos que instinctivamente supportam todas as cousas enquanto lh'os não dizem pelos seus nomes. A crise romana fizera desabrochar-lhe o temperamento, amadurecendo tendencias de que tinha a semente mas que não chegariam a germinar se tivessem sido outros os acasos da sua vida. Assim, tornou-se a imagem do supremo desdém presidindo á orgia romana como um Satan: desdém da honra e da virtude, desdém da gloria e do poder, desdém de vida alheia! Taes são os ultimos homens, *syntheticos*, que as aristocracias requintadas produzem. Salva a differença dos tempos e o seu numero de peias que a educação moderna põe á expansio da vontade, Sylla parece um Morry. Mario é a loucura taurina em que a brutalidade democratica vem a dar tambem nas horas da crise desenfreada. Qual dos dois valerá mais?

Quando Sylla tomou Roma, o Capitolio ardeu — ardiam de facto as instituições republicanas! A posição do general em Roma era de um proconsul n'uma cidade provincial veneta. Escreveu ao Senado, por um requinte d'ironia, observando-lhe a necessidade de concentrar o governo nas mãos de um só homem — um monarcha; e Lucio Valerio Flacco, presidente da assemblea, indignou-o a elle, remetendo a comedia. Eis ahí a victoria que a oligarchia alcançava — morrer! Ajudara a fazer o homem que a havia de apunhalar.



O MEZ DE MARIA, — DUAS VIRGENS. — Quadro de Marius Michel.





A VOLTA DO BAILE. — Quadro de Henry Gervax.



Sylla foi investido nos poderes mais terríveis: julgava sem apelação dos bens e da vida dos cidadãos, dispunha absolutamente dos recursos do tesouro e dos bens do Estado, podia fundar e dissolver cidades, cabia-lhe governar as províncias e os povos avassalados, cumpria-lhe finalmente conferir o supremo império indicando os preconsules e propretors, e promulgar as leis que julgasse úteis. Bra tudo, Senado e povo, juiz e legislador. A república tornara-se uma coisa propriamente sua, e o absolutismo na sua pureza estava realizando. É verdade que tudo isto era temporário, mas, como só a Sylla compelia fixar a duração da sua magistratura excepcional, podia tornar-se indefinido.

Sanccionado assim por uma espécie de legalidade o poder que conquistara pelas armas, deu lugar à sua vingança que ao mesmo tempo formava o seu plano de governo. O Terror systemático e frio paraceu-lhe o melhor meio de extirpar da terra as raízes democráticas, matando e arruinando todos os inimigos. No espírito dos homens antigos não dominavam os sentimentos curiosos e humanitários; a moral, o direito, o civismo, todo o corpo dos sentimentos a que a falta de outro nome chamaríamos stoicos, ocupavam o lugar onde os modernos introduziram também a piedade. Por isso, quando batia aquella hora de crise em que em todas as sociedades saídas dos seus eixos acaba o império da lei e reina a razão d'Estado, na Antiguidade reinava em nome d'elle a Vingança. Alguma coisa semelhante se viu na revolução franceza do fim do século passado — esse período em que uma geração inteira viveu da imitação dos homens antigos.

Sylla vingou-se. Baniu como inimigos da república todos os democratas, e quem quer que matasse um banido recebia o premio de doze mil dinheiros (1:080.000 rs.), e quem quer que o socorresse tornava-se rei de pena de morte. As propriedades dos banidos foram confiscadas para o Erario; a descendência até a segunda geração excluída dos cargos publicos. Os bens dos que tinham morrido na guerra foram confiscados também. Metade dos cidadãos estava autorizada a estormentar a outra metade. Mas como n'esta ordem de cousas não ha meio de introduzir legalidade, o terror era tanto, a matança tão grande e tão indistincta, que elle proprio, Sylla, reagiu instituindo as listas de condemnação affixadas todos os dias no Fóro. Os sionios iam ali ver quem tinham de matar; os denunciadores iam a toda a hora indicar ao tyranno quem elle havia de condemnar. A casa de Sylla era um verdadeiro inferno; traziam-lhe sem numero de presos que soffriam a tortura em sua presença; traziam-lhe as cabeças dos assassinados e o dictador, impassivel, com um sorriso sarcasmo, cumprimentava os algozes. Catão-o-novo, e não-Catão, crente ainda e destinado a largos futuros, frequentava a casa de Sylla, via e ouvia as atrocidades, e, saindo, espantava-se já de como não houvesse ninguém com fôrça para matar o tyranno... Hebera com o leite os instinctos tradicionais de justiça e direito, de liberdade e ordem republicana, tradições antigas e obliteradas.

Os senadores, assombrados, ousaram perguntar a Sylla quando acabariam as matanças: elle respondia-lhes indifferente que ainda não sabia, que la condemnando a maneira que lhe lembrava... Veríamos, veríamos... E, dando cousas, parava, tornava com desdém: Ainda faltam bastantes; ha por ali gente esquecida... Indifferente a maneira que me lembrarem... O Senado, o povo, tremiam deante d'essa imagem do Destino cruel e vingador, por cujo ordem o túmulo de Mario foi despedaçado e as suas cinzas lançadas ao Arto; os trophéus das suas grandes victorias abanados. A falta do heróe e de seu filho, ambos mortos, matou o sobrinho Meto Mario Graciliano, com torturas horribis, afrocando-lhe os olhos, partindo-lhe os ossos sobre o túmulo de Catão que morrera victima de Mario. No ponto onde ainda hoje se desenterraram no Fóro havia uma fonte com seu tanque, a fonte Servilio: era ali que se lançavam para o poço as vésas cabeças dos senadores e homens eminentes assassinados. As listas diariamente affixadas no Fóro condemnavam muitas vinganças e reniam muitos crimes: corria que Ca-

tilian, o futuro conspirador ja celebre pela sua vida mirada, tendo antes assassinado o seu irmão, conseguira que elle fosse inscripto no rol funebre. O mesmo se dizia de muitos outros.

A sombra do terror enchium-se os partidarios do dictador: a matança, que era um confisco, era um banquete. Quem ambicionava uma propriedade, matava-lhe o dono. Um dizia agonizando que o seu palacio d'Alba o condemnara; outro umas thermas, este uns jardins, aquelle uma certa granja ou uma casa de campo á beira-mar. Os familiares, os escravos, os libertos, os clientes do dictador, um Vettio Picento e um Chrysogono, celebrado por Cicero, estavam todos riquissimos: vendiam-se a quem o queria a inscripção de algum nome nas listas fataes, vendiam-se por muito maior preço a vida de algum que conseguia ser riscado. Sylla tolerava tudo, dizendo como entre nós se dizia: Deixe desabutar o povo!

Os militares pagavam as dividas matando os credores; e eram apontados a dedo, condemnados sem remissão, aquellos capitalistas que tinham especulado com os confiscos e morticínios de Mario em 667. Os soldados serviam de carneiros e havia algozes voluntarios: o officio de matar rendia immenso. A arrematagão dos bens confiscados era a origem de muitas fortunas — cimento do partido novo. Crasso, chefe das arrematagões, tornou-se empo o rico por excellencia. Comprava-se por dois mil e que valia normalmente seis miliaes de sestercios. Alguns perguntavam se o fim da guerra civil não teria sido unicamente enriquecer os clientes, os libertos e os escravos de Sylla. Apesar da depreciagão, o producto da venda dos bens subiu a trezentos e cincoenta miliaes de sestercios (16:187 contos); com ou duzentas vezes essa somma, eis a quanto subiu talvez o valor das expropriações.

Esta orgia durou seis mezes: a de Mario em 667 durara seis dias. Desde dezembro de 672 até junho de 673 matou-se e confiscou-se de um modo regular, frio, methodico, Mario foi um delirio de loucura encolheria; Sylla era um proposito de calculo sanguinario. As suas listas fataes attingiam 4700 nomes, dos quaes umas dezenas eram senadores e mais de um milhar cavalleiros. Mas além das listas houve as matanças militares; depois d'estas e antes de organisagão do Terror, os assassinatos em massa; finalmente, ao lado das condemnações, as vinganças particulares sem conto por toda a Italia.

Reação não houve, porque o Terror com que Sylla sancionou o seu governo esmagara toda a fôrça capaz de insurgir-se. Com a constituição democratica saída da dictadura de Gaius Graccho, o governo do Senado era impossivel: Sylla destruiu a democracia, imaginando voltar a assentar no Senado a estabilidade de poder; mas os tempos eram outros e evidentemente absurda a idéa de sustentar um governo aristocratico com a fôrça militar. Atraz do Senado, estava elle — o principe, o general, o monarcha — e por isso a machina se mantinha de pé ainda, mas caíra logo que passou a geragão dos seus soldados e o terror que o seu nome infundia.

N'isto o dictador mostrava a falta de genio politico. Na sua indifferença indolente e cynica mostrava a falta do nervo, a ausencia de vontade, que o tornava incapaz de construir o que quer fosse duradouro. Edificada a machina, fez-se elegar consul em 674, para abdicar, retirando-se emfastiado, em 675. Elle que chamava gratidão a Pompeu, ainda um creançula, para cortar uma situação perigosa; elle que defia a Murena um triumpho; elle que com a mesma indifferença cynica punia innovantes e perdoava a malvados, sentia o poder pesar-lhe como um fardo. Espectro de Don Juan da politica, deixou-se de tudo e foi-se para Cumas gozar os ocios delirados de uma velhice podre. Tinha então cinquenta e nove annos. Caçava, pescava, escrevia as suas Memorias com a penna sarcasica de um Talleyrand.

Levou para Cumas a sua corte de amantes, actores, buffões, dançarinas. Passava os dias bebendo, banquetando-se em orgias que o distorciam — feix,

ditoso sempre, como quem nada respeitava no mundo, nem cousa alguma temo para além do tumulo. Lembrou-se das façanhas e partidas que fizera a toda a gente: quantas mulheres tirara aos maridos, como dera a este a casa de um outro, como forçara Pompeu, o gratido — e ria ás gargalhadas! — a divorciar-se da mulher, obrigando-o a casar com a sua enteada, esposa de Manio Glabrio que estava preme e morreu de parto. Os casos mais intimos, as crueldades mais perfidas, as vilezas mais cynicas, saham-lhe da bocca n'um tom arcaico e indifferente quando no meio das dançarinas nuas, bebendo, conversava no som da lyra com o actor Roscio, com o archimimo Sorix, com o histrião Metrobio seu amante, reclinado no seu divan.

Começava a soffrir o resultado das orgias em que levava toda a vida. Formava-se-lhe no ventre um abasso, que principiando por lhe dar mais digestões acabou por condemnar-o a soffrimentos horribis. Deitava de si um cheiro nauseabundo e o aborrecia, pois sempre fora cuidadoso e apurado consigo. Eram lutas ás lavagens e perfumes. Mettia asco. Principiava e não poder dominar a sua irritagão permaante. Do retiro de Cumas tinha sempre um pé em Roma, e, ainda ausente e desido do poder, governava o Estado como Carlos V em S. Justo. N'um dia de mau humor, em que as dores apertavam mais, trouxeram-lhe um certo Gratio, magistrado de uma villa proxima, accusado por ladrão. Condemnou-o logo, mas enquanto presidia ao estrangulamento do rei, deu-lhe um deliquio, tomou para o lado e expirou vomitando sangue. Tinha sessenta annos. Em Roma fizeram-lhe exequios magnificos: todos os veteranos da guerra de Asia vieram ao funeral, mas ja n'esse proprio dia se mormoravam...

O exemplo da sorte extraordinaria d'esse janota dos salões romanos, as lições do cynismo que propagava, os seus ditos, a sua vida, enchiam muitas cabeças; e a idéa de subir pela desfatez, de governar pelo terror, de ser grande pelo cynismo, desvalrava a mocidade aristocratica de Roma, gente perdida de dividas, sequiosa de orgias, corroida por uma devassidão mais ou menos elegante.

*Alcino Martin*

## NOTA DA REDACÇÃO

Tendo nos recebido ultimamente varios artigos anonymos para serem publicados nas paginas do nosso jornal, declaramos ás pessoas que os enviaram que a ILUSTRAÇÃO não publica, d'hoje em diante, artigos que não tragam a assignatura dos seus auctores.

Se estes, porém, não quizerem tomar diante do publico a responsabilidade do que escreveram, esousado é enviarem-nos as suas produções, porque não serão publicadas e, segundo o uso, lhes não serão restituídas.



## SEDET SOLA

Sol na balconia em jôio de Corfu e Granada.  
Nos mirantes sems de Malaga e Sevilha,  
Pamona, ha pouco, o fog da serenada,  
A natureza dorme... comtante a luz brilha.

Pelo tranquillo azul da noite socegada,  
Rumbatse o palz da eterna maravilha...  
N'isto, a terra tremeu, dir-se-ia que abraçada  
Sa electica expl'ção do alguma enorme pilla.

A morte, e morte, luctos! Os rios e as montanhas  
Ragunse mutuamente os seios e as entranhas,  
No definit fôrtil das grandes exultações.

E ante a monstro cruel que, em impetu, devora  
As filhas do Neill, a Andaluça chora;  
O povo do Universo, abalado os corações...

Rio de Janeiro. — 1883.

SILVIA RAMOS.



**EXPOSIÇÃO DAS INVENÇÕES EM SOUTH KENSINGTON E A ILLUMINAÇÃO ELECTRICA.** — Em no-  
vembro, dia primeiro do mez de maio que devia ter  
logar a abertura d'esta exposição que fará  
parte da serie das exposições especiaes inauguradas  
ha dois annos pela das pescarias, e continuada o  
anno passado pela exposição hygienica cujo exito  
excedeu ainda o da que a precedeu.

A exposição das invenções comprehende as inven-  
ções novas a partir de 1862, epocha em que teve logar  
a ultima grande exposição internacional de Londres.  
Apesar de algunos objectos feitos no principio por  
um certo numero de manufactores que receavam  
descobrir os seus segredos a concurrença estrangei-  
ros e indigenas, é certo que as galerias do South  
Kensington apresentão um conjunto de mais alto  
interesse, não menos debaixo do ponto de vista scien-  
tifico do que debaixo do ponto de vista indus-  
trial.

A iluminação electrica que o anno passado já tinha  
sido gradualmente installada no edificio da expo-  
sição, occupou este anno não menor logar. Pelo  
contrario, todas as combinações seão representadas,  
e os jardins mesmo verão a pequena lampada in-  
candescente substituir em numero equal, mas com  
um resultado muito superior, os pequenos lampões  
de cores de que se fizera uso precedentemente. Se  
a luz electrica produzida pelos grandes focos de  
aço volatou ainda não conseguiu estabelecer-se aqui  
a não ser nas estagões de caminho de ferro, é certo  
enquanto que o uso da pequena lampada incandes-  
cente se espalha cada vez mais. A ausencia do calor,  
o brilho unido á suavidade da luz, a regularidade  
sem vibração nem estremecimento do raio lumino-  
so, a limpeza perfeita, a simplicidade e completa  
segurança do maneo, são qualidades que tornam  
este modo de iluminação cada vez mais procurado  
pelos ricos particulares, directores de theatro, arma-  
dores das grandes lanchas de vapores para serviço de  
passageiros, etc., etc.

Uma outra vantagem é que as decorações, as in-  
stallações de um casa, de um theatro ou de um es-  
tado de nação, conservam pelo seu emprego um grau  
de frescura impossível com o systema da iluminação  
a gaz, d'apoi vantagem que compoõe em grande  
parte o custo normal, por ser bastante elevado, da  
iluminação com lampadas de incandescencia, dimi-  
nuindo as despesas de conservação da mobili.

**Novo vivo no navio da cachaça.** — Acaba de lan-  
çar-se a agua um navio sabido dos estalleiros ma-  
rinheiros de Chatham, destinado a realisar, quando  
completado, mais um progresso na arte da de-  
feza.

Este navio tem dois cascos perfeitamente distin-  
ctos. Um, exterior, com a forma ordinaria; o outro  
interior, de comprimento proximoamente equal, mas  
de secção hexagonal; não um hexagono regular ou  
absolutamente regular, mas um pouco achatado com  
uma das faces parallelas á coberta do navio e outra  
ao porão. Os verticos dos angulos formados por cada  
dus das outras quatro faces digim-se pois para os  
flancos do navio. N'este caso interior é que devem  
ser installadas todas as partes vitaes do navio; ma-  
chinas, caldeiras, apparecho do governo, pilões de  
polvora.

Em torno das faces lateraes exteriores do hexa-  
gono dispoz-se-lho os paizes do carvão. Preten-  
de-se que este navio assim preparado poderá sus-  
tentar-se no mar, mesmo quando o casco exterior  
seja privado de obuzes, furado e quasi inteiramente  
destruido pelos projectis. E talvez demais, e convém  
esperar que elle passe pelo fogo do inimigo para  
ficarmos bem certos; em todo o caso a tentativa é  
interessante.

**Emprego dos aerostatos no Syria.** — Ha mu-  
tos annos já que o estado-maior inglez prossegue no  
estudo da utilisção dos aerostatos em campanha,  
não só com o intuito de facilitar os reconhecimen-  
tos preliminaes e a observação dos pontos estrate-  
gicos a occupar, mas também para supprir ás insufi-  
ciencias dos exploradores em paizes barbaros pouco  
conhecidos e mal providos de estradas. Apesar  
de se ter inspecido nos estudos analogos feitos  
em França e em outras partes, o exercito inglez  
nem por isso tinha feito applicações praticas até  
agora.

Não é pois sem algum interesse que foram recebi-  
dos certos detalhes sobre o emprego do balão cap-  
tivo pelo exercito expedicionário de Souakim. O  
aerostato empregado tinha uma capacidade de 7,000  
pés cubicos (o metro cubico tem approximadamente  
35 1/3 pés cubicos ingleses); era feito de caout-  
chouc.

Foi cheio com gaz comprimido importado de  
Inglaterra para este fim especial. Este systema pare-  
ce ter dado bom resultado e seá de certo adoptado  
de um modo definitivo em caso semelhante. Sem se  
adstrangem a elle, tinham entretanto julgado dever  
tentar a experiencia do preferancia a contar com gaz  
hydrogeno fabricado no Soudan mesmo pelos pre-  
paradores militares da expedição. Em um dos re-  
conhecimentos tinham levado a carga necessaria  
para encher o balão com sete tubos ad hoc, evitan-  
do assim toda a difficuldade de transporte. Para a  
ascensão contentam-se em atar a um pesado wagon  
militar o cabo que assegurava a captividade do  
balão: tornava-se possível assim deslocar o segun-  
do as necessidades do destacamento que accom-  
panhava o aerostato. O official a quem tinham sido  
confiadas as observações declarou que o palz visio  
do balão mudava completamente de aspecto. Os

matos e as florestas que rodeavam a vista em baixo,  
destacavam em grupos isolados.

É facil seguir os movimentos dos Arabes, que  
não estavam occultos pelos accidentes do ter-  
reno.

Parece pois muito provavel que o gaz comprimido  
fara parte de aqui em diante do material de guerra  
das expedições logisticas. O gaz de iluminação  
de boa qualidade parece que deve responder a satis-  
ficientemente as necessidades das ascensões militares.  
M. Carcott, o director dos aerostatos ingleses, que  
experiencia (pneumonal) é bem rival por assim dizer,  
tira em 40 libras a libra inglesa e de 40 grammos  
proximoamente o peso que podem elevar cada 1,000  
pés cubicos de gaz preparado com cuidado bem seco  
e purificado cuidadosamente. Em equal volume de  
hydrogeno eleva 60 libras pouco mais ou menos,  
mas o custo de produção é muito maior.

**OVATILHE CANOA ALFESSINHA.** — A canoação an-  
nual do papel e til que a materia prima que, n'estes  
ultimos tempos, serviu para fabrica-ção, tornou-se ab-  
solutamente insufficiente: cartão, tela, fibra, linho-  
sas, madeiras, etc. nada chegou para fazer face á fa-  
bricação.

O Comtee annunciou que se tem actualmente de  
utilisar para este fim a lignosa, isto é os restos da  
cena d'assucar de que se extrahio tollo o summa,  
restos que até ao presente, só serviam para aquecer  
as caldeiras nas refinarias de assucar.

As seguintes cifras poderão despertar a attenção  
dos fabricantes europeus. Ponto que a consuma-  
ção do papel tenha sido quadruplicada nos Estados-  
Unidos, n'estes ultimos annos a importação, que at-  
tingia a cifra de 4 milhões de francos em 1873, cahiu  
em 50,000 francos em 1877, e a exportação que não  
atingia 20,000 francos em 1864, ultrapassou, em  
1883, a cifra de 8 milhões de francos.

Estas cifras correspondem do resto, ao periodo  
deproteção a outrance estabelecido do ouero lado  
do Atlantico.

**Telegraphos e incendios.** — O relatório annual do  
departamento dos hombeiros de Birmingham con-  
sta uma grande diminuição na numero dos incen-  
dios durante o anno de 1884; esta diminuição é bem  
certamente devida ao emprego do telephone cujas  
communicações instantaneas, transmittidas ao posto  
central dos hombeiros, permittiam uma extinção  
rápida do muitos comagos d'incendio.

**A região pneumatica de Londres.** — Em Londres,  
como em Paris, os telegrammas enviados pelos fios  
telegraphicos tendem a diminuir immenso e a ceder  
o lugar aos telegrammas expedidos em todas as direc-  
ções pelos tubos pneumaticos.

N'um só dia a rede dos tubos em Londres trans-  
mittiu 28,000 telegrammas, enquanto o telegrapho  
expedia 26,162.

**Construção de papel.** — Os architectos do nova  
palacio de justiça de Bruxellas fizeram uma curiosa  
inovação: a cupula é toda de papel.

**Uso nos rails dos caminhos de ferro.** — Um en-  
genheiro da London and North-Western Railway  
Company, o sr. Webb, achou que o uso dos rails  
n'uma horn sobre os 2,864 kilometros explorados



## AS ÚLTIMAS MODAS DE PARIS



Sua da renda de fil cêrda castanho; o corpo do vestido e a segunda saia e em brocado forrado de cor de rosa; a frente é feita de pregas decorepê cor de rosa; cintura e bandes da veludo cor de castanho.



Vestido de primavera visto na casa Dubois de Paris; em etamine verde musgo, em parte sarapimado de vermelho; uma pequena saia formada d'um lado por quatro grandes pregas e de outro por um pano unido; na frente, gola e ornatos de veludo verde musgo.

por esta companhia é de 640 kilogrammas, seja 224 grammas por kilometro e por hora.

A conservação annual d'um inchet. — Julga-se geralmente que o povo inglez é o que mais come; eis algumas cifras que indicam a conservação annual d'um habitante da Gran-Bretanha: carne, 51 kilogrammas; assucar, 31 kilogrammas; queijo, 6%4; manteiga, 5%4; chá, 2%16; café, 0%45.

Os canos submarinos. — O comprimento dos cabos submarinos empregados nas cinco partes do mundo é de cerca de 155.200 kilometros.

O TELEPHONE ENTRE SÃO-PETERSBURGO e MOSCOW. — Estas duas grandes cidades, distantes de 645 k.

lometros, tem agora comunicações telephonicas, estabelecidas pela direcção do caminho de ferro.

As conversações são muito facéis, devido ao emprego dos microphonos.

A produção do ferro na ALLEMANHA. — A Allemanha produziu em todo o anno de 1884 — 3.572,150 toneladas de ferro.

A união dos balões. — O governo russo encomendou dois balões alongados, todos de seda, a uma casa de Paris, para fazer experimentos sobre a direcção dos balões por meio de machinas dynamo-electricas.

O governo italiano encomendou tambem dois balões de seda munidos de telephone.

A PRODUÇÃO DA HULLA NA INGLATERRA. — Durante o anno de 1883, os inglezes tiraram do seu solo 164 milhões de toneladas de carvão de terra.

O que elles extrahiram n'estes ultimos trinta annos chegaria para a construção d'um muro que fizesse a volta da terra tendo 1% de altura e de espessura, ou ainda a erecção d'uma columna de 2%85 do diametro, cujo extremo passaria para além da lua.

A PASTA EPLATORIA DUSSEY destroe os pelos feios e desagradaveis do rosto das damas, sem inconvenientes para a pelle, mesmo a mais delicada. Seguranca, e EFFICACIA GARANTIDAS. So annos de successo. I., rua JEAN-JACQUES ROUSSEAU, PARIS, com todos os principaes cabelleiros e perfumistas.





RIO DE JANEIRO. — A PEDRA DO MARISCO. RESTINGA DA TIJUCA — Desenho original de F. Villaca

# O SALON DE PARIS EM 1885

## NUMERO ESPECIAL

# DA ILLUSTRACÃO

O proximo numero da ILLUSTRACÃO (numero 10) é inteiramente consagrado ao *Salon* de Paris de 1885. Este numero dará ao publico de Portugal e do Brazil uma ideia geral do estado da arte franceza, tendo ao mesmo tempo um curioso e particular attractivo — desenhos dos trabalhos expostos no *Salon* pelos artistas nossos compatriotas.

Este numero é além d'isso uma perfeita novidade para os dois paizes, pois que é a primeira vez que em lingua portugueza apparece um jornal illustrado com photogravuras typographicas, a ultima palavra em aperfeiçoamentos de gravura chimica. E a tiragem d'estas gravuras vae ser feita com um cuidado particular, dando este numero da ILLUSTRACÃO uma ideia perfeita dos ultimos progressos obtidos pela typographia.

## AVISO IMPORTANTE

A execução typographica d'este numero sendo deveras dispendiosa — os preços da VENDA AVULSO tem de ser alterados. Só os nossos estimaveis assignantes de trimestre, semestre e anno é que recebem este numero sem alteração de preço, pelo preço ordinario dos outros numeros. As pessoas que o comprarem avulso é que terão de pagar não o preço ordinario, mas o preço marcado na primeira pagina d'esse numero especial da ILLUSTRACÃO.

# AS CAPAS DA ILLUSTRACÃO

## AVISO IMPORTANTE

Lembramos a todos os nossos assignantes, e a todas as pessoas que fazem collecção da ILLUSTRACÃO que estão quasi esgotadas as remessas de capas feitas expressamente em Paris para encadernar o primeiro volume do nosso jornal.

Essas capas são de magnifica *precaline* vermelha assetinada, com ornatos estylo Renascença a preto e ouro — as unicas que são modelo exclusivo das nossas encadernações, vindo todas firmadas com a assignatura do director da ILLUSTRACÃO. Essas capas foram executadas nas famosas officinas da casa Engel et C.<sup>a</sup> de Paris, e constituem a ultima novidade parisiense em encadernações para livros de luxo.

Todos os pedidos devem ser dirigidos em Lisboa ao

SR. DAVID CORAZZI

42, rua da Atalaya, 42

E no Rio de Janeiro á

GAZETA DE NOTICIAS

70, rua do Ouvidor, 70

Preço no Rio de Janeiro.. . . . .	3,000 reis
— nas provincias. . . . .	3,300 "

(COMPREHENDIDO SÊLLO E REGISTRO)







# AS MUSICAS DA « ILLUSTRACÃO »

## LA GARDE PASSE

GRÉTRY

MARCHA DOS JANISAROS. — EXTRACTO DOS DOIS AVARENTOS.

**AVISO IMPORTANTE.** — Este trecho deve começar *placissimo*, continuar *crescendo* até ao meio, que deve ser tocado *fortissimo*. A partir do meio deve-se tocar *diminuendo*, gradualmente, até *suavizando*, para acabar. O effeito a obter é o d'um batalhão que vem longe, que se approssima, passa e desaparece.

Tempo giusto.

PIANO.

